

Terracap tirará barracos do Lago

Demolição foi anunciada por Guy de Almeida e pode começar hoje

FOTOS: BETH MUNHOZ

A Terracap pode começar hoje a demolição de 30 barracos, erguidos há 10 dias em área próxima à Vila Paranoá. A informação foi dada ontem pelo chefe do Gabinete Civil, Guy de Almeida, ao prefeito comunitário da vila, Gilson Araújo. Ele recebeu do GDF a promessa de uma solução rápida do problema, no tocante a moradias para as famílias invasoras. E se o Governo quer impedir novos focos de invasões, as pessoas que continuam no local se recusam a sair, alegando não terem para onde ir.

Segundo Gilson Araújo, os que ocuparam a área são oriundos da própria Vila Paranoá, onde morava "de favor" ou pagando aluguel mínimo de Cz\$ 1 mil 200. "Existem nessa situação 12 mil famílias carentes, em uma população de 35 mil habitantes". Destas, 120 montaram barracos de lona e de madeira desde o último dia 10, "movidas pelo desespero", disse ele.

NOTIFICAÇÃO

Na terça-feira passada a Terracap notificou os moradores quanto à irregularidade da ocupação, aconselhando-os a sair do local até 17h de ontem. Caso contrário, os barracos seriam demolidos, sob forte aparato policial. "Assim que essas pessoas me procuraram, procurei prolongar o prazo da demolição, intervindo junto a Guy de Almeida, e pedi a elas que se retirasse, evitando a violência", esclareceu o prefeito. Depois de diversos apelos, 90 famílias derubaram os barracos por conta própria, mas outras 30 continuam esperando uma solução.

Maria Joana da Silva, 68 anos, que estava com os moradores que esperavam o término da reunião no Palácio do Buriti, afirmou não ter tirado seu barraco da margem do Paranoá por falta de opção. "Moram sete pessoas num pequeno cômodo comigo, porque não temos dinheiro para alugar um lugar melhor", explicou. "Se a Terracap derrubar minha casa, armo-a novamente no mesmo dia", ameaçou Marcos Antonio de Jesus, cuja mulher, internada no Hospital Regional da Asa Norte, teve filho há poucos dias.

O carpinteiro Luiz Antonio dos Santos montou o barraco de lona há uma semana. "De tão nervoso, não consigo trabalhar, e acabei perdendo meu emprego". Disse que morava em casa de amigos, "de favor", e que só vai sair da

área quando aparecer moradia. Acrescenta-se ao impasse o fato de alguns moradores que saíram por conta própria já possuam lotes, segundo os invasores.

A REUNIÃO

Enquanto Gilson Araújo conversava com Guy de Almeida sobre a questão, vários moradores esperavam em frente ao Buriti. No gabinete de Guy, o prefeito pedia, através de um documento, o assentamento da Vila Paranoá, com construção de casas pela Shis, em mutirão, ou outras alternativas de alcance popular. Reivindicava uma nova sede para a Prefeitura Comunitária, "que muito tem contribuído com o GDF na redução de conflitos", atendimento "concreto" do pronto-socorro durante 24 horas e atenção especial ao problema de abastecimento de água (hoje são 8,6 litros ao dia para cada morador).

O documento denuncia a precariedade das escolas, a situação dos menores carentes — em torno de 2 mil — e pede maior atenção e diálogo dos dirigentes da Terracap com os moradores. "As famílias podem sair do local sem dificuldades, sem violência", disse Gilson Araújo, garantindo que na Vila há onde abrigar os invasores. Ele solicita ao Gabinete Civil o acesso permanente de dois membros da Prefeitura Comunitária, para servirem de intermediários às negociações do GDF com os habitantes da Vila Paranoá.

DECEPÇÃO

Gilson Araújo ouviu do chefe do Gabinete Civil que o GDF vai estudar as propostas, mas que até lá a área deve ser desocupada. Guy de Almeida pediu "união e paciência" aos moradores e prometeu conversar com o secretário de Serviços Sociais, Adolfo Lopes, sobre alternativas para aqueles que estiverem desabrigados, de acordo com o prefeito.

Mesmo diante do otimismo do prefeito, algumas pessoas se decepcionaram. Chorando, Nanci Nova Reis, 20 anos, dois filhos pequenos, disse que foi despejada do barraco onde morava, e só por isto resolveu invadir a área. "Pago Cz\$ 1 mil 500 de aluguel, não trabalho e meu marido não ganha o suficiente, pois é ajudante de obras", desabafou. "Se eu tiver que sair, ficarei ao relento com minha família, pois não tenho para onde ir".



Favelados acompanharam a reunião no Buriti